

ANC  
p2

**CORREIO BRAZILIENSE**  
**Novos rumos (I)**

17 NOV 1967

A campanha sucessória está nas ruas. E cedo, ainda, para considerar Leonel Brizola imbatível ou lutar por Aureliano Chaves, representante do liberalismo. E tarde, porém, para o presidente José Sarney, que está a colher os primeiros frutos da sua tentativa de amparar os inimigos em detrimento dos amigos. De seu erro em pensar mais nos interesses dos políticos do que nos direitos dos cidadãos.

Nenhum presidente teve, como José Sarney, tantas oportunidades para liderar a Nação. Foi, no entanto, deixando que elas escapassem por entre os dedos como uma criança que estivesse tentando reter as ondas do mar em suas mãos. A dignidade com que enfrentou a doença de Tancredo Neves, a ousadia do Plano Cruzado, o apoio nas eleições e o sentimento que despertou na TV ao se queixar da classe política foram momentos em que teve o povo a seu lado. Foram.

O que faltou ao presidente José Sarney para se consagrar e ocupar o lugar vago com a morte de Tancredo Neves? E indiscutível sua qualidade de democrata, verdadeira sua intenção de beneficiar os pobres e inegável sua amenidade pessoal. Nunca um presidente procurou ser tão humilde, nenhum deles foi mais acessível. No entanto, o povo, que o idolatrou em determinados períodos, sente hoje renascerem suas esperanças com as eleições para Presidente.

O que lhe faltou, a meu ver, foi governar. Não era importante que agradasse a todos,

como tentou sempre, mas que adotasse decisões justas em benefício da Nação. O povo aprova o que é justo e aceita o seu sacrifício se há um objetivo nobre, porém menospreza o paternalismo inconseqüente. O que lhe faltou foi não se lembrar da recomendação de Confúcio de que em vez de dar peixes o melhor é ensinar a pescar. O Presidente preferiu enganar-se com a distribuição de leite — pelo menos em relatórios oficiais — e aplausos encomendados...

Como o Imperador Pedro I, cujo retrato é seu anjo da guarda, o Presidente quis conciliar e, ao mesmo tempo, manter as divisões, para se sobrepôr, para que todos dependessem de sua vontade. Como Pedro I veio do Dia do Fico ao da deposição, assim foi a decisão da Comissão de Sistematização da Assembléla Constituinte reduzindo seu mandato para quatro anos. Como Pedro I, Sarney pôde verificar que estão ficando raros os que o acompanharam no início da jornada. Muitos dos que lhe têm estima pessoal dele se afastaram, e isso não ocorreu por acaso.

Resta-lhe pouco tempo — três meses se prevalecer o parlamentarismo, nove meses se retornar o presidencialismo —, mas é preciso que nesse período governe como o fez no Maranhão. Livre de lutar pela permanência no Poder, deve exercê-lo como faria Castelo Branco, que levou valas dos contemporâneos mas terá, sempre, o agradecimento dos pósteros.